



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v.57i2.3123>

FAZENDO CONEXÕES: DINÁ, LUTERO E MULHERES INDIANAS¹

Making connections: Dinah, Luther and Indian women

Monica Jyotsna Melanchthon²

Resumo: Este ensaio será uma ocupação crítica e pós-colonial feminista índia/asiática com a interpretação de Lutero de Gênesis 34. O ensaio buscará identificar as doutrinas influentes que moldaram a interpretação de Lutero deste texto. Dará atenção às implicações da leitura de Lutero para a igreja como um todo e para mulheres em particular e as perspectivas que oferece para o empoderamento de uma imaginação informada, justiça, os direitos das mulheres desprivilegiadas na Ásia cujas vozes, vidas e lutas, são frequentemente silenciadas ou contidas.

Palavras-chave: Mulheres na Reforma. Crítica pós-colonial feminista. Martin Lutero.

Abstract: This paper will be a critical and Indian/Asian feminist postcolonial engagement with Luther's interpretation of Genesis 34. The paper will attempt to identify the influential doctrines that shaped Luther's interpretation of this text. It will draw attention to the implications of Luther's reading to the church as a whole and to women in particular and the insights it offers to the empowering of an informed imagination, justice, the rights of the disenfranchised women of Asia whose voices, lives and struggles, are often silenced or contained.

Keywords: Women in the Reformation. Feminist postcolonial critique. Martin Luther.

Violência e abuso como contexto

O ataque violento e estupro coletivo de Jyoti, de 23 anos, estagiária de fisioterapia em Déli, em 16 de dezembro de 2012, desencadeou reações iradas em âmbito

¹ O artigo foi recebido em 12 de setembro de 2017 e aprovado em 16 de outubro 2017 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Traduzido do original em inglês *Making connections: Dinah, Luther and Indian Women*, por Geraldo Korndörfer.

² Doutora em Teologia pela Lutheran School of Theology at Chicago, pastora ordenada da Andhra Evangelical Lutheran Church, é professora associada em Antigo Testamento/Bíblia Hebraica no Pilgrim Theological College, University of Divinity Melbourne, Austrália. Contato: monica.melanchthon@pilgrim.edu.au

nacional e colocou em primeiro plano a questão do número crescente de agressões sexuais contra mulheres em geral e de estupros em particular, na Índia e em todo o mundo. A violência sexual tornou-se parte do ambiente indiano e somente uma pequena fração de sua incidência efetiva é dada a conhecer por temor à estigmatização. O *National Crime Records Bureau* (NCRB) [Escritório Nacional de Registros Criminais] reporta que “estupros atualmente acontecem na Índia à taxa de um a cada 22 minutos”, acarretando um aumento de 873% desde 2011, quando o NCRB começou a documentar os casos.³

Qual é nossa resposta à violência? Como podemos nos capacitar para nos manifestar em tempos violentos? As reflexões aflitas, atormentadas e magoadas das mulheres oferecem alguma percepção? As respostas não são simples nem fáceis, mas problemáticas, primordialmente porque a sexualidade feminina só pode ser definida e explicada dentro da especificidade cultural de uma determinada sociedade. A sexualidade feminina da Índia, por exemplo, está entrelaçada no tecido de uma sociedade hierárquica, sexista e castista – uma percepção colonial de exercer e manter o poder, um poder repressivo, de manter a ordem. As estruturas e sistemas do colonialismo, da casta e do patriarcado unem forças para manter as mulheres em seu lugar, ensiná-las como se comportar e como agir. As complexidades que subjazem à existência das mulheres, portanto, necessitam ser situadas e refletidas em relação ao controle e exercício do poder patriarcal, castista e colonial.

O estupro e assassinato de Jyoti projetaram uma luz dolorosa, mas clara sobre questões de estupro e violência. O compromisso com um engajamento mais profundo com a questão fez com que redes e organizações reportem, documentem e recontem os crimes cometidos contra mulheres através de meios criativos como arte, escultura e canto. As respostas diversas e criativas, a análise e a reflexão, exigiram o esforço árduo, articulado e comprometido do sonho e da imaginação das mulheres para romper os muros colonizadores do patriarcado, da raça, da casta, do sexismo, da domesticidade, da igreja, da intolerância teológica e religiosa para com as mulheres. Como o “outro” social, cultural e religioso, ou talvez inclusive como “outsider”, as mulheres estão enfrentando as condições de conflito e turbulência violentos e reagindo a elas, seja na esfera pública ou doméstica. Ao fazê-lo, trazem para o primeiro plano a realidade da subjugação das mulheres. Ao mesmo tempo, rompem a marginalidade da existência delas e enfraquecem o molde patriarcal castista, racista e sexista dominante em que o mundo e a igreja atuais foram forjados. É contra e apesar das múltiplas limitações que

³ TELTUMBDE, Anand. Delhi Gang Rape Case: Some Uncomfortable Questions. Publicado em 7 de fevereiro de 2013. Disponível em: <http://roundtableindia.co.in/index.php?view=category&id=118:thought&option=com_content&Itemid=65&fontstyle=f-smaller&font-size=larger&limitstart=14>. Em diferentes graus, trata-se de um fenômeno mundial, mas representa o crime menos denunciado. Estatísticas semelhantes estão disponíveis para outros países. Na Austrália, onde vivo atualmente, uma pesquisa de 2005 feita pelo ABS estimou que, nos 12 meses anteriores, 363 mil mulheres (4,7% de todas as mulheres) sofreram violência física, e 126.100 mulheres (1,6%) sofreram violência sexual. Cf. <http://www.apf.gov.au/About_Parliament/Parliamentary_Departments/Parliamentary_Library/Publications_Archive/archive/ViolenceAgainstWomen>.

a confrontam que a introspecção e a voz das mulheres traduzem a extravagância da violência elaborando sua negatividade essencial.⁴

A Bíblia e seus conteúdos e nossa tradição confessional/nossas tradições confessionais desempenham um papel importante no enfrentamento de questões de violência sexual – muitas vezes sendo cúmplices do crime mediante o silêncio do personagem masculino e inclusive de Deus. Esses textos, como Gênesis 34, frequentemente são deixados de lado ou ignorados por causa das muitas questões incômodas que suscitam. Esses textos precisam ser apropriados e confrontados a fim de enfrentar a violência e o abuso. Minhas inclinações feministas e os numerosos casos de violência sexual contra mulheres no mundo de hoje me atraem a textos como Gênesis 34 e me impulsionam a lê-los e interpretá-los da perspectiva da mulher vítima/sobrevivente da violência. Minha identidade luterana me direciona no sentido de buscar as percepções que a tradição luterana oferece para tratar esses textos e mais particularmente os comentários de Lutero sobre mulheres dentro do Antigo Testamento. Não o faço somente por curiosidade acadêmica, para saber o que ele diz e como interpreta esses textos, mas também para determinar até que ponto podemos empregar suas interpretações e posições teológicas, a tradição da fé luterana para ajudar as mulheres em sua luta para superar a violência e discriminação.

Meu objetivo neste breve artigo é analisar os comentários de Lutero sobre Gênesis 34 e discernir, com base nisso, percepções que possam informar a formulação de ideias, o empoderamento de uma imaginação informada, o rearranjo de desejos e a conjuração da paz, da justiça e dos direitos da humanidade. Leio Gênesis 34 “com Lutero” e identifico questões que sejam social e teologicamente significativas e tenham implicações práticas para as mulheres na Índia.

A leitura de Gênesis 34 por Lutero

Sem temer os desafios propostos por esse capítulo, Lutero entra em seu mundo, “com entusiasmo, jamais hesitando em imaginar os personagens bíblicos para dentro de seu mundo ou a si mesmo para dentro do mundo deles”⁵. Como sugere Kolb, Lutero repete e remolda narrativas bíblicas a partir de sua própria localização social.⁶ Ele via as histórias bíblicas como histórias que espelham a vida humana, exibindo “realismo doméstico” (Auerbach), a representação da vida cotidiana.⁷ Por isso elas têm o potencial de envolver o leitor e a leitora em meio à realidade do cotidiano; Lutero também notou as muitas lacunas nas narrativas e a ausência de percepções do funcio-

⁴ MELANCHTHON, Monica. Translating the Extravagance of Violence. *Dialog: A Journal of Theology*, v. 52, n. 2, p. 85-87, 2013.

⁵ MATTOX, Mickey Leland. “Defender of the Most Holy Matriarchs”: Martin Luther’s Interpretation of the Women of Genesis in the “Enarrationes in Genesis” 1535-1545. Leiden: Brill, 2003. p. 1. Apud KOLB, Robert. *Luther and the Stories of God: Biblical Narratives as a Foundation for Christian Living*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2012. p. 31-32.

⁶ KOLB, 2012, p. 1-1.

⁷ KOLB, 2012, p. 1-1.

namento interno das mentes dos personagens na história. Ele usava sua imaginação e compreensão de pecado e graça e do modo da atuação de Deus para preencher essas lacunas. Lutero era bastante generoso no emprego da *eisegese*, dando informações que não têm base textual. Em todo caso, Gênesis 34 é um bom exemplo do emprego da narrativa por parte de Lutero e nos dá várias pistas sobre sua estratégia de leitura, e eu louvo Lutero por não ignorar esse texto apesar das muitas perguntas e questões inquietantes que ele suscita. Algumas das características determinantes da interpretação desse texto por Lutero são as seguintes:

1. O mundo exterior – um lugar perigoso para moças

Diná é apresentada como a “filha que Lia dera à luz a Jacó”. Não nos são dadas outras informações. Ela era a segunda ou a décima? Isso pelo menos nos daria algum indício quanto à sua idade. Lutero a apresenta como tendo 12 ou 13 anos. Refere-se a ela como uma criança, enfatizando o termo hebraico *yäl'däh* (literalmente: “ela deu à luz”) empregado no texto. Jovem e inocente, era “despreocupada e sem medo algum de qualquer dano e muito menos de uma violação, uma vez que efetivamente ainda não era casável”⁸. Ela “saiu para ver as filhas da terra”. Uma mulher ainda não casável e jovem... ela se aventuraria a sair sem acompanhante? Lutero diz que ela fez exatamente isso. Sua curiosidade levou a melhor sobre ela. Desprezou a cautela, talvez desejosa de assistir às festas dos siquemitas, seus novos vizinhos; é possível que quisesse conhecer meninas de sua própria idade.

Vários dos predecessores medievais de Lutero viam Diná como símbolo da “alma pecaminosa que se desvia para além de seus devidos limites por ousadia, orgulho e curiosidade”⁹. Usavam esse capítulo como exemplo para advertir as mulheres contra a curiosidade e o comportamento tolo.¹⁰ Também Lutero via essa história como uma história que deveria ser contada às moças para que fossem dissuadidas de sair sem acompanhante, para se manter afastadas de janelas e portas e como um aviso aos pais para protegerem suas meninas e ensiná-las a permanecer dentro de casa, pois o exterior da casa é um lugar perigoso para meninas.¹¹ Lutero afirma que ela não solicitou a permissão dos pais¹², querendo fazer contato com as meninas siquemitas locais que viviam na cidade, e que ela queria imitar os “costumes e enfeites”¹³ dessas. Mas ela morava longe da cidade. Um cortejo de casamento que passava chamou sua atenção e ela correu para ver as moças, quando Siquém, que também participava do

⁸ *Luther's Works*, v. 6, p. 190.

⁹ São Jerônimo, segundo Joy Schroeder, critica Diná por se afastar da esfera doméstica; Bernardo de Clara-val identifica sua curiosidade como a transgressão; e Ricardo de São Vítor via Diná como uma pessoa orgulhosa que comparava sua beleza com a de outras mulheres. Segundo ele, Diná queria ser vista e por isso foi desejada e violentada. SCHROEDER, Joy A. *The Rape of Dinah: Luther's Interpretation of a Biblical Narrative*. *Sixteenth Century Journal*, v. XXVIII, n. 3, p. 776-777, 1997.

¹⁰ SCHROEDER, 1997, p. 775.

¹¹ *Luther's Works*, v. 6, p. 193.

¹² O texto não diz se ela fez isso ou não.

¹³ *Luther's Works*, v. 6, p. 192.

cortejo dançando com as filhas da terra, a viu. Ele a agarrou, humilhou e violentou, e, ao fazê-lo, satisfaz sua luxúria e paixão.

A pesquisa bíblica se divide quanto a Diná ser vítima ou cúmplice no ato.¹⁴ Dois motivos parecem explicar por quê:

1. “Ela saiu” – יָצָא, um verbo que no hebraico e em seus cognatos acádio e aramaico conota comportamento promíscuo ou prostituição, especialmente quando empregado em combinação com uma mulher¹⁵.

2. As ações surpreendentes de Siquém no versículo 3.

Do ponto de vista de alguns pesquisadores, portanto, Diná teria se envolvido em sexo ilícito, mas consensual, o que a profanou aos olhos da família.¹⁶ Porém, Suzanne Scholz suspeita de Siquém. Como leitora feminista, ela privilegia Diná como vítima e lê os versículos 2 e 3 da seguinte maneira:

“²E ele a tomou e a deitou e a violentou. ³E ele ficou com/manteve Diná, a filha de Jacó, e desejou a jovem mulher e tentou aquietar a jovem mulher”.

Scholz traduz isso como uma forma de “estupro por um conhecido”, onde o foco deveria estar sobre a ação de Siquém e não nas intenções da saída de Diná.¹⁷ Siquém tinha de esconder seu ato violento e procura tranquilizar Diná porque ela não lhe deu seu consentimento.¹⁸ Embora Lutero sublinhe a desobediência de Diná, ele não a acusa de qualquer cumplicidade na culpa pelo estupro. Lutero sustenta que ela foi uma participante resistente e imagina a menina traumatizada pelo abuso e agressão. Lutero diz que Siquém viu o quanto ela era muito mais bonita do que as filhas da terra. Possuído por amor/luxúria do “tipo juvenil” e por paixão, ele age de forma violenta e essa violência sempre resulta em miséria, homicídio e calamidade, como atesta a história.¹⁹ A punição de Diná por sua desobediência e curiosidade é a profanação violenta.

O fato de ela ter sido estuprada também é reforçado pelo emprego do termo hebraico *timme*, traduzido como “violada” e empregado três vezes (v. 5, 13, 27). Ele

¹⁴ Yair Zakovitch sugere que a história tem múltiplas camadas e múltiplos autores. Afirma que a história de Diná e Siquém era na verdade uma história de amor desaprovada pelos irmãos. O estupro de Diná foi um acréscimo posterior para justificar o assassinato dos siquemitas pelos filhos de Jacó. ZAKOVITCH, Yair. *Assimilation in Biblical Narratives*. In: TIGAY, Jeffrey H. (ed.). *Empirical Models for Biblical Criticism*. Philadelphia: University of Philadelphia, 1985. p. 175-196.

¹⁵ BAR, Shaul. *A Nation is Born: The Jacob Story*. Eugene, OR: Wipf and Stock, 2016. p. 97.

¹⁶ Cf. FEWELL, Dana; GUNN, David. *Tipping the Balance: Steinberg's Reader and the Rape of Dinah*. *JBL*, v. 110, p. 193-211, 1991; BRETT, Mark. *Genesis: Procreation and the Politics of Identity*. London: Routledge, 2000; CAMP, Claudia V. *Wise, Strange and Holy: The Strange Woman and the Making of the Bible*. Sheffield: Academic Press, 2000. (JSOT Supp Series, 320).

¹⁷ SCHOLZ, Suzanne. *Sacred Witness: Rape in the Hebrew Bible*. Minneapolis: Fortress, 2010. p. 30.

¹⁸ SCHOLZ, 2010, p. 35-38. Cf. também BLYTHE, Carolyn. *Terrible Silence, Eternal Silence: A Consideration of Dinah's Voicelessness in the Text and Interpretive Traditions of Genesis 34*. Tese (Doutorado) – Universidade de Edimburgo, 2008, que oferece argumentos convincentes em favor de Diná como vítima de estupro. Disponível em: <<http://www.era.lib.ed.ac.uk/handle/1842/2593>>.

¹⁹ *Luther's Works*, v. 6, p. 193.

se refere a um “ato moral e religioso como, p. ex., abuso de castidade ou impureza”²⁰. Quaisquer que tenham sido as intenções de Diná ao sair, ela não queria sexo com Siquém. Ela resistiu, o que é reconhecido pelo narrador, e daí a tentativa de Siquém de acalmá-la.

2. O privilegiamento da dor de Jacó

Quando a notícia do estupro chega a Jacó, há a expressão de muito pesar e tristeza. Lutero menciona as esposas de Jacó, especialmente Lia, a mãe de Diná, dizendo: “Lia em especial estava profundamente pesarosa”²¹. Ele também menciona os demais integrantes da casa – os servos, as servas e os pastores “que receberam isso todos muito mal”²². Passa então a concentrar toda a atenção em Jacó, o pai. Lutero emprega a psicologia para compreender e expressar o pesar e a dor a que Jacó foi submetido como pai, valendo-se talvez de sua própria experiência de perder uma filha.²³ Imagina a dor de um pai cuja filha é violentada. Ele escreve:

Qualquer pessoa pode imaginar por si mesma quão grande é o pesar do pai que tem uma única filha e que cruz é vê-la desonrada e violada de uma forma extremamente vergonhosa. Não se trata de uma provação espiritual que diz respeito à fé, esperança e paciência como foram as anteriores. No entanto, entre as tentações domésticas era uma provação extraordinariamente atroz e intolerável que sua única filha, que ainda não alcançara a idade de casar, fosse violentamente profanada e que isso fosse acontecer em um lugar tranquilo e seguro, não nas mãos de inimigos, e sim nas mãos de um vizinho, um amigo, um príncipe que era o defensor e pai de sua terra [...]²⁴.

Jacó estava atordoado e ficou em silêncio. Ele silenciou! Não houve queixas, lágrimas, gritos, raiva, somente silêncio. Ele esperou a chegada de seus filhos, pois os filhos tinham a mesma autoridade, se não maior, sobre a sexualidade da irmã.

Lutero entende isso como o tipo de silêncio que “suporta pacientemente, esperando pelo conselho e um remédio do Senhor”²⁵. O que mais Jacó poderia fazer visto que era forasteiro e estrangeiro na terra, sem poder e meios para revidar! Essa provação esmaga Jacó como pai. Por causa da atenção que dá a Jacó, Lutero deixa de verbalizar a dor e o trauma de Diná. Ela fica silenciosa na interpretação dele. Para Lutero, a história toda é sobre a angústia do pai, por sua filha e posteriormente pelo futuro de sua família. Em sua imaginação, Diná, inocente de qualquer pecado sexual, foi restituída à sua família e viveu sua vida como responsável pelo lar na casa de Jacó.

²⁰ BAR, 2016, p. 97.

²¹ *Luther's Works*, v. 6, p. 196.

²² *Luther's Works*, v. 6, p. 196.

²³ Schroeder afirma que suas preleções sobre este capítulo talvez tenham sido proferidas entre 1542 e 1543, depois da morte da própria filha, Madalena, em 1542. SCHROEDER, 1997, p. 781. Cf. também *Luther's Works*, v. 6, p. ix-x.

²⁴ *Luther's Works*, v. 6, p. 190-191.

²⁵ *Luther's Works*, v. 6, p. 196.

3. O pecado e suas consequências

O pecado de Diná, como se explicou acima, é sua curiosidade.²⁶ Siquém a agarrou, violou e, ao fazer isso, satisfez sua luxúria e paixão. O pecado de Siquém é intensificado pelo fato de ter estuprado a filha de um homem que era estrangeiro/hóspede na terra deles, que “viviam em segurança e paz sob a sombra da proteção do príncipe Hamor”²⁷. Ele tem consciência de ter pecado, mas não mostra remorso por sua ação; em vez disso, vê Diná chorando e se lamentando e procura cortejá-la mediante palavras, promessas e presentes e consolá-la em vão.²⁸ O pecado de Siquém consistiu em ser o filho mimado de um homem rico que se comporta desonrosamente, que pensava que tudo é permissível. Sua incapacidade de confessar e sua impenitência “magnificam, aumentam e agravam o pecado”²⁹.

Lutero culpa os pais que criaram Siquém de uma “forma sem limites”, o mimaram e deixaram de educar o filho. Hamor procura resolver a questão aparecendo à porta da casa de Jacó. Sua presença não abrandava a raiva ou cura a dor dos irmãos que desejavam vingança! Lutero diz que o estupro era um crime não só na casa de Jacó, mas também em Siquém. O incidente deve ter criado ansiedade e discussão entre os siquemitas, que ficaram “ofendidos por esta afronta a um hóspede tão piedoso”³⁰. A indignidade do crime despertou compaixão nos corações dos siquemitas pela casa de Jacó, “inclusive nos corações de estrangeiros que amavam a justiça, equidade e disciplina”³¹. Todos estavam conscientes de que um pecado havia sido cometido.

Os irmãos de Diná reagiram de maneira muito emotiva e passional porque Siquém “praticara um desatino em Israel”³². A palavra “desatino” ou “nebālâ” é uma “expressão para designar a transgressão normalmente vinculada a crimes sexuais”³³. Lutero reconta essa parte da história muito imaginativamente. Visualiza um servo correndo até os irmãos e anunciando o que tinha acontecido, e os irmãos deixando de lado tudo que estavam fazendo e correndo de volta para casa. O texto diz que os irmãos “se indignaram” (cf. também Gn 6.6). Lutero emprega vários verbos para descrever a condição deles – “tristes”, “perturbados”, “perplexos”, “atônitos”, “esmagados”, “perderam a capacidade de pensar”, “sem saber o que deveriam aconselhar ou fazer”³⁴. Mas, sobretudo, estavam com raiva! Uma raiva muito além de qualquer conselho ou remédio que pudesse mitigá-la. Raivosos porque sua irmãzinha tinha sido violada por um homem incircunciso que não se arrependeu, que a manteve como refém. Não se sabe ao certo se ela foi uma refém anuente ou resistente. Não viram ninguém que julgasse por eles nem tentaram encontrar alguém para arbitrar a questão.

²⁶ *Luther's Works*, v. 6, p. 192-193.

²⁷ *Luther's Works*, v. 6, p. 193.

²⁸ *Luther's Works*, v. 6, p. 195.

²⁹ *Luther's Works*, v. 6, p. 194.

³⁰ *Luther's Works*, v. 6, p. 197.

³¹ *Luther's Works*, v. 6, p. 197.

³² Um arcaísmo, pois Israel não existia como nação!

³³ Juízes 19.23 – estupro; 2 Samuel 13.22 – estupro; Jeremias 29.23 – adultério. Cf. BAR, 2016, p. 99.

³⁴ *Luther's Works*, v. 6, p. 197.

Hamor não prefacia seu pedido pela mão de Diná com qualquer afirmação de confissão, arrependimento ou expressão de culpa em nome do filho. Ele não se desculpa nem propõe punir seu filho, agravando, com isso, seu pecado.³⁵ É direto em seu pedido e faz uma promessa liberal: *aparentai-vos conosco; dai-nos as vossas filhas e tomai as nossas; a terra estará ao vosso dispor; habitai e negociai nela e nela tende possessões* (v. 8-10). Os irmãos não se acalmam com essa oferta generosa. A falta de remorso por parte de Hamor ou de seu filho os enfurece. A ausência de qualquer arrependimento ou penitência da parte de Hamor sugere que ele escusa o ato do filho e, ao fazer isso, “torna-se ele próprio participante de todo o mal e invoca uma severa punição sobre si mesmo”³⁶. Sua oferta de terra para morar e negociar indica que estava ciente da gravidade do crime cometido. Mas ele não o verbaliza ou oferece uma palavra de desculpa ou remorso. Lutero interpreta essa oferta como ato de um hipócrita, de um homem orgulhoso que se recusa a reconhecer culpa ou pecado.

Siquém se junta ao pai e pede um coração compreensivo da parte dos irmãos e do pai de Diná. Siquém não confessa qualquer malfeito, porém, em vez disso, oferece um presente acima e além do dote do casamento. Afirma que fará qualquer coisa que lhe for pedida contanto que Diná lhe seja dada como esposa. Segundo Lutero, essas palavras revelam um homem pretensioso e hipócrita, alguém incapaz de admitir seu pecado.³⁷ Os irmãos não exigem uma desculpa de Siquém ou do pai. O pecado de Siquém e de Hamor é intensificado pela ausência de uma confissão do pecado – uma confissão impedida por orgulho e falta de humildade.

A dissimulação é central nessa história. A falta de arrependimento suscita uma resposta dissimulada por parte dos irmãos. Eles não consultam o pai. (Ele estava no recinto e podia, assim, ouvir tudo que estava sendo dito?). Exigem a circuncisão de toda a população masculina adulta de Siquém, pois somente podem entregar a irmã a um homem circuncidado. Os irmãos também prometem: *nós vos daremos nossas filhas, tomaremos para nós as vossas, habitaremos convosco e seremos um só povo* (v. 16). Mas essa jamais foi a intenção deles.

Na ausência de um juiz para julgar a questão, ambos os lados se confrontam de maneira injusta e dissimulada, levando à “destruição e ruína dos siquemitas”³⁸. Os irmãos induzem Siquém e Hamor a concordar com sua condição, e esses, por sua vez, engambelam toda a comunidade a aceitar essa exigência. Lutero comenta aqui como os líderes em uma comunidade se tornam tolos quando ameaçados. Escreve: “Quando punições por pecados estão ameaçando uma cidade ou um território, os governantes e súditos primeiramente se tornam tolos, de modo que ficam enredados e são apanhados em pecados e punições comuns”³⁹.

³⁵ *Luther's Works*, v. 6, p. 198.

³⁶ *Luther's Works*, v. 6, p. 198.

³⁷ *Luther's Works*, v. 6, p. 200.

³⁸ *Luther's Works*, v. 6, p. 202.

³⁹ *Luther's Works*, v. 6, p. 206.

Portanto Lutero apresenta a comunidade de Siquém como culpada⁴⁰ de “vários atos revoltantes”⁴¹. Seus pecados estavam maduros e esperando punição, e, assim, “toda a tribo é envolvida na estultícia, pecado e horríveis punições de seu príncipe”⁴². A terra e o povo sofrem pelo pecado de seus governantes. Nem Hamor nem Siquém são francos com seu povo. Não explicam a necessidade da circuncisão. Enfatizam, em vez disso, a natureza amistosa da família de Jacó e sugerem que a terra é suficientemente grande para permitir que os filhos de Jacó vivam e negociem nela, além de acenarem com a possibilidade de casamento entre membros das duas tribos. Eles instigam ainda mais o povo perguntando: *O seu gado, as suas possessões e todos os seus animais não serão nossos? Consintamos, pois, com eles, e habitarão conosco* (v. 23). Certamente estavam enganando o povo, e sua intenção era acabar dominando a tribo de Jacó e oprimi-la. A tribo inteira concorda com a circuncisão. Lutero destaca que não houve sequer uma pessoa na tribo que sugerisse a expiação do pecado mediante a devolução da jovem à sua família para, com isso, apaziguar seu pai e seus irmãos.⁴³ “[...] o povo estúpido é induzido ao erro e, assim, concorda e aprova o estupro e a humilhação de Diná.”⁴⁴

Lutero sugere que os filhos de Jacó duvidaram da sinceridade de Siquém e Hamor. Se eram capazes de estuprar sua irmã, também poderiam cometer o crime menor de roubar suas possessões e submetê-los à escravidão.⁴⁵ Isso os alertou. O pecado de Hamor e Siquém fez com que os irmãos pecassem. Lutero considera o estupro de uma virgem uma transgressão capital; a violência somente gera violência. Os siquemitas, agora circuncidados, foram levados a crer que efetivamente tinham ludibriado a família de Jacó. No terceiro dia, enquanto ainda estavam com dor e deitados por necessitarem de descanso e atenção, Simeão e Levi entraram na cidade e mataram Hamor, Siquém e todos os homens.

Lutero exalta a bravura e ousadia dos irmãos, particularmente porque os vê como adolescentes, inexperientes na arte da guerra e por conquistarem uma cidade inteira – ele chama isso de “ousadia estranha”⁴⁶. Acredita que essa ousadia e confiança procedam de várias fontes:

- a) o conhecimento de que os homens de Siquém estavam desarmados;
- b) eles “confiaram em sua posição e reputação [...] eram os filhos de um patriarca e senhores do mundo [...] atacaram-nos como inimigos da promessa e do povo de Deus”⁴⁷;
- c) eles solicitaram a ajuda de muitos pastores empregados por Jacó, que também eram amigos e aliados deles. Lutero sugere que aproximadamente cem deles

⁴⁰ Isso aparentemente não está de acordo com o que ele dissera um pouco antes, quando sugeriu que o povo de Siquém simpatizava com Jacó. Cf. *Luther's Works*, v. 6, p. 197.

⁴¹ *Luther's Works*, v. 6, p. 206.

⁴² *Luther's Works*, v. 6, p. 206.

⁴³ *Luther's Works*, v. 6, p. 207.

⁴⁴ *Luther's Works*, v. 6, p. 207.

⁴⁵ *Luther's Works*, v. 6, p. 208.

⁴⁶ *Luther's Works*, v. 6, p. 204.

⁴⁷ *Luther's Works*, v. 6, p. 210.

(porque Jacó era homem rico com muitas ovelhas que necessitavam de numerosos pastores) se juntaram aos irmãos.

Os irmãos retiraram Diná da casa de Siquém. Massacraram todos os homens e, acrescenta Lutero, inclusive crianças, gritando “em seus berços”⁴⁸. Com os homens fora de combate, a cidade está franqueada ao saque. Simeão e Levi, agora acompanhados pelos outros irmãos (assim diz Lutero), levam os rebanhos, a riqueza, as mulheres, as crianças e tudo que havia nas casas. Embora Lutero reconheça que o ato dos irmãos era pecaminoso, justifica o massacre dos siquemitas, como um “juízo secreto e a ira de Deus que permitiram o massacre”⁴⁹. Lutero sublinha que os irmãos agiram sem conhecimento e consentimento do pai.⁵⁰ Estavam todos desonrados e magoados. Ele afirma que Deus usou os injustos para produzir vingança divina.

Por isso, embora os filhos de Jaó ajam injustamente, Deus não é injusto quando pune os siquemitas, a quem advertiu anteriormente para não cometerem qualquer coisa contrária à lei e a Seus mandamentos, ou seja, que não deveriam violar, estuprar ou reter a filha de outro homem. Por não Lhe terem obedecido, eles foram punidos.⁵¹

Jacó censura os filhos. Eles não só infligiram violência aos siquemitas, mas também a toda a casa de Jacó. Jacó temia que os povos vizinhos se unissem para atacá-lo. Ao afirmar isso, diz Lutero, Jacó está aumentando o crime cometido pelos irmãos. Eles são “vasos de violência e iniquidade”⁵². Descontente com a violência, ele chama seus filhos “assassinos e saqueadores violentos, e ele realmente magnifica este crime por ter sido tamanho ato de estultícia que representava o maior perigo e desgraça para ele”⁵³.

Poder-se-ia perguntar, porém, por que Jacó, que reconhece o malfeito de seus filhos, não os instrui a devolver o saque. Lutero explica isso dizendo que Jacó tinha consciência de que seus filhos estavam se vingando pela injustiça cometida à sua família e que isso justificava a manutenção do fruto da pilhagem. Ele mantém o que foi saqueado, “mas não sem gemido e lágrimas”⁵⁴. De fato, também retém a terra, e esta terra se torna a herança de José, onde esse é enterrado mais tarde.⁵⁵

O capítulo termina com a resposta dos irmãos: *Abusaria ele de nossa irmã, como se fosse prostituta?* Lutero condena os irmãos:

⁴⁸ *Luther's Works*, v. 6, p. 210.

⁴⁹ *Luther's Works*, v. 6, p. 210.

⁵⁰ *Luther's Works*, v. 6, p. 212.

⁵¹ *Luther's Works*, v. 6, p. 214. Lutero não oferece provas textuais do local e da ocasião em que se fez essa advertência aos siquemitas.

⁵² *Luther's Works*, v. 6, p. 216.

⁵³ *Luther's Works*, v. 6, p. 215.

⁵⁴ *Luther's Works*, v. 6, p. 214.

⁵⁵ O patriarca Jacó mostra medo como o faz Isaque em Gn 26, porém, em ambos os casos, eles escapam mais ricos (Gn 26.13,31; Gn 34.28-29; 35.5) Cf. Testamento de Levi, capítulo 6, que contém uma explicação interessante de Levi sobre esse incidente.

[...] os arrogantes e poderosos tratantes! Eles não reconhecem seu pecado. Não sentem pelo massacre e violência injusta, mas o defendem [...] aumentam o estupro de Diná de uma forma drástica, embora Siquém desejasse tê-la como esposa e não como prostituta [...] tampouco consolam o venerável ancião [...] não fazem penitência ou pedem perdão [...] perturbando gravemente o coração do pai⁵⁶.

Jacó, portanto, teve de contender não só com o estupro da filha, mas também com a arrogância e o orgulho dos filhos. Lutero afirma: “Jacó tem de suportar o pecado dos filhos, e, por sua causa, a punição é postergada e os filhos orgulhosos e violentos são tolerados até o devido tempo”⁵⁷.

O fato de Jacó realmente jamais ter aprovado ou perdoado as ações dos filhos torna-se evidente em sua bênção sobre eles no capítulo 49. Lutero chama a atenção para Gênesis 49.5, onde Jacó os condena como assassinos. Ele abençoa Levi a ter uma vida dependente dos sacrifícios e dízimos de outros e Simeão foi forçado a viver em pobreza perpétua.

Onde está Deus?

Lutero se empenha em tentar compreender a razão por que Deus permitiu que esse estupro acontecesse.⁵⁸

Lutero não se incomoda com um Deus que se utiliza dos irmãos para massacrar os siquemitas.⁵⁹ Mas fica perturbado com um Deus que permite o estupro de uma jovem. Conclui que não pode ser Deus, mas o diabo que está por trás desse ato. Então, de forma alarmante, afirma que Deus permite o estupro de filhas de homens piedosos para que esses possam aprender a ser pacientes.

Por que, então, Deus permite que o santo patriarca seja onerado com esta cruz como se ele não fosse um santo, aceitável e agradável aos olhos de Deus? Isso se fez por nossa causa, para que aprendamos paciência e consolação na adversidade e silenciemos nossa boca se calamidades semelhantes também nos atingirem. Pois não somos melhores do que esses grandes homens e, portanto, não deveríamos pedir uma sorte especialmente boa, e sim nos acostumar a esta disciplina e provação de fé, consolação e paciência, pois, efetivamente, pareceu bom a Deus permitir essas calamidades habituais e inauditas que vão além desse suor do nosso rosto e de tribulações espirituais comuns.⁶⁰

⁵⁶ *Luther's Works*, v. 6, p. 220.

⁵⁷ *Luther's Works*, v. 6, p. 220.

⁵⁸ “Onde estão agora aquelas hostes de anjos? [...] quem está alerta aqui? Quem está de vigia? Deus e os anjos fecham os olhos e fazem de conta que não veem. Deus ignora a questão e age exatamente como se não soubesse ou visse a filha sendo arrastada para ser violada. Pois Ele permite que isso seja feito enquanto os anjos descansam e nada fazem” (*Luther's Works*, v. 6, p. 191).

⁵⁹ Cf. Testamento de Levi 6.8.

⁶⁰ *Luther's Works*, v. 6, p. 192.

Portanto a provação é, para Jacó, uma provação que vai além da dimensão espiritual e implica a vida – de Jacó e de sua casa – porque, depois do massacre, a família está cercada por inimigos. Essa foi de fato uma provação muito mais grave do que a do estupro da filha. Contudo, Deus permanece com Jacó e o resgata. A presença de Deus se faz conhecer na matança dos siquemitas e na proteção de Jacó e de sua família.

Fazendo conexões: Diná, Lutero e mulheres indianas

Lutero como pai se identifica com Jacó como pai. Mas sua leitura também é influenciada por sua posição em relação às mulheres e a revela. Lutero conhecia a misoginia da maioria dos autores medievais⁶¹ e compartilhava algumas de suas atitudes negativas quanto às mulheres.⁶² Mas seus tratados e escritos posteriores revelam alguma ambivalência e menos tradicionalismo. Tinha em alta consideração o papel das mulheres como esposas e mães.⁶³ Estendeu sua simpatia por Eva à situação das mulheres em geral. Em seu comentário sobre Gênesis, escreveu: “O sexo feminino foi muito humilhado e afligido, e sofre uma punição muito mais severa e dura do que os homens. Pois acaso o homem sofre coisas desse quilate no próprio corpo?”⁶⁴.

Ele “atacou o denegrimento escolástico das mulheres”.⁶⁵ Sua mudança de atitude em relação às mulheres resultou de sua nova compreensão do casamento⁶⁶ e do casamento como parceria.⁶⁷ No entanto, a parceria no casamento não era uma parceria

⁶¹ Tertuliano escreveu sobre Eva: “És a porta de entrada do diabo. Convenceste aquele que o diabo não ousa atacar diretamente. Por causa de ti, o filho de Deus teve de morrer. Deverias andar sempre vestida de luto e em farrapos”. Apud BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. Trad. e ed. H. M. Parshley. New York: Alfred Knopf, 1978. p. 167. Santo Agostinho de Hipona disse que é “bom para um homem não tocar uma mulher”, e São Tomás de Aquino afirmou que “as mulheres são defeituosas e mal concebidas”. Cf. RUETHER, Rosemary Radford. *Misogynism and the Virginal Feminism of the Fathers of the Church*. In: _____. *Religion and Sexism: Images of Woman in the Jewish and Christian Traditions*. New York: Simon and Schuster, 1974. especialmente p. 156-166.

⁶² Lutero considerava as mulheres “medrosas, instáveis, arrogantes, fracas de espírito, fofoqueiras, fúteis e incapazes de pensar profundamente e de estar à altura das exigências da responsabilidade pública”. ZOPHY, Jonathan W. *We Must Have the Dear Ladies: Martin Luther and Women*. In: SESSIONS, Kyle C.; BEBB, Phillip N. (ed.). *Pietas et Societas: New Trends in Reformation Social History*. Kirksville, MO: Sixteenth Century Journal Publications, 1985. p. 141.

⁶³ Lutero foi criado em uma grande família com significativa presença feminina. Tinha quatro irmãs e inclusive deu a uma de suas filhas o nome da mãe – Margaret Luder. JOHNSON, Roger (ed.). *Psychohistory and History: The Case of Young Man Luther*. Philadelphia: Fortress, 1977. p. 31, apud ZOPHY, 1985, p. 142.

⁶⁴ *Luther's Works*, v. 6, p. 200.

⁶⁵ KARANT-NUNN, Susan C.; WIESNER-HANKS, Merry E. (ed.). *Luther on Women: A Sourcebook*. Cambridge: Cambridge University, 2003. p. 7: “um homem que fala mal de uma mulher não tem noção do que sua mãe fez”. Ele atribuiu grande parte da reprovação contra mulheres aos males do “ímpio celibato”. GROSSMANN, Maria. *Humanism in Wittenberg 1485-1517*. Nieuwkoop: B. De Graff, 1975. p. 59.

⁶⁶ *Luther's Works*: American Edition, v. 12, p. 45.

⁶⁷ “O que quer que o homem tenha, isso a esposa tem e possui em sua totalidade. A parceria deles implica não só seus bens, mas também filhos, comida, cama e moradia; seus propósitos também são os mesmos. O resultado é que o homem não difere da esposa em nenhum sentido exceto no sexo; fora isso, a mulher é completamente um homem” (WA 42, 137).

de iguais. O domínio do homem era supremo no mundo bem como na casa.⁶⁸ Ele admitia que, embora “em Cristo não haja distinção entre mulheres e homens”, na “esfera exterior [...] aparecem distinções e desigualdades entre os cristãos”⁶⁹. Por causa do pecado original, “o domínio permanece com o marido, e a esposa é obrigada a obedecer ao mandamento de Deus”. Ele governa a casa e o Estado, trava guerras, defende suas possessões, lavra a terra, constrói, planta, etc. A mulher, por seu turno, é como um prego fincado na parede. Ela fica sentada em casa.⁷⁰

Lutero sugere que, quando a mulher recebe um cargo público, ela ainda deveria depender dos conselhos masculinos. Ele achava que a mente das mulheres não era suficientemente boa para questões sérias e importantes.⁷¹ Não via espaço para mulheres na política e em questões religiosas. Em resposta às numerosas personagens de mulheres no Antigo Testamento que profetizavam e lideravam homens, nações e povos, Lutero sugere que seria melhor “não se preocupar com o direito destas mulheres do AT de ensinar e governar”. Em vez disso, ele nos incentiva a nos voltar ao Novo Testamento, onde “o Espírito Santo, falando através de Paulo, ordenou que as mulheres ficassem em silêncio nas igrejas e assembleias”⁷². Sua ambivalência talvez tenha surgido a partir de sua localização nas tradições da igreja; de ambivalências no testemunho da Escritura; do temor da mudança e das consequências da mudança – e por isso se ateve a uma noção muito limitada do que as mulheres eram capazes. Logo, ele não viu razão em se alongar no pesar, dor e angústia de Lia como mãe, nem nos de Diná.

Algumas dessas posições obviamente influenciaram a maneira como ele interpretou Diná ou sua mãe Lia. Concordo com ele e muitas outras pessoas que propõem Diná como vítima do olhar masculino e de violação sexual.⁷³ À luz da ubiquidade da violência contra as mulheres na Índia, privilégio Diná e me interessa ver que percepções esse texto e sua interpretação por parte de Lutero poderiam nos oferecer na Índia quando combatemos e enfrentamos a violência sexual contra mulheres.

Questões suscitadas pela literalização da violação

A contenção do autor quanto ao que realmente aconteceu e as lacunas e ambiguidades mistificam e embaralham a violação de Diná. Isso levou às concepções polarizantes sobre Diná, fazendo com que alguns pesquisadores questionassem o fato do estupro.⁷⁴ Portanto, como a mulher que pode ter sido violentada e silenciada, Diná escapa

⁶⁸ *Luther's Works: American Edition*, v. 1, p. 202.

⁶⁹ *Luther's Works: American Edition*, v. 1, p. 38, 203.

⁷⁰ *Luther's Works: American Edition*, v. 1, p. 202; um estar sentado que é auxiliado por aqueles “quadris largos”, como ele observou certa vez (*Luther's Works: American Edition*, v. 1, p. 8).

⁷¹ “Quanto mais elas [sc. As mulheres] deliberam sobre questões importantes e difíceis, tanto mais complicam e obstruem o assunto” (*Luther's Works: American Edition*, v. 6, p. 60).

⁷² *Luther's Works: American Edition*, v. 40, p. 388-390.

⁷³ SCHOLZ, 2010, p. 35-38. Cf. BLYTHE, 2008.

⁷⁴ A ambiguidade na linguagem empregada acarretou duas concepções opostas na pesquisa científica. Empregam-se três verbos: “ele a tomou” (*yiqbah* – que significa casar com uma mulher ou levá-la para a cama – traduziu o termo mais severo “ele a agarrou” na NRSV); “ele se deitou com ela” (*yishkab* – um

a uma representação plena. Na ausência de acesso não mediado a seus pensamentos ou sentimentos, ela carregou o rótulo de mulher desobediente e talvez de sedutora/prostituta imposto por intérpretes. Ela não tem permissão de falar, mas, mesmo que a tivesse, sua palavra pode ficar sem corroboração. Para a maioria das pessoas que leem o texto, a palavra não corroborada de uma mulher e a ausência de resistência manifesta por parte dela não podem representar estupro. Seu silêncio é interpretado como anuência.

Lutero a vê como vítima inocente, porém, o que é mais importante, literaliza a violação e imagina a dor que isso traz, infelizmente para o pai e os irmãos, sem dar atenção suficiente a Diná. Essa literalização é essencial em um contexto no qual o estupro e suas consequências são comentados em sussurros, ou em que o incidente é encoberto. É essencial que desmistifiquemos a violação/estupro e a literalizemos⁷⁵ com a finalidade de podermos nos envolver com ela e reconhecer as formas complexas com que impõe seu custo às mulheres. Ao fazer isso, também asseguramos que a vítima não desapareça no silêncio ou na morte. Isso é crucial e essencial no cenário indiano, onde o estupro é onipresente.

Uma questão importante suscitada por essa literalização da violação é a **questão do consentimento**. Ela tinha idade suficiente para dar o consentimento como pressupõem alguns pesquisadores? A relação entre a “idade” e a capacidade de agir autonomamente e com discernimento dificilmente entra em consideração na pesquisa atual. A maioria pressupõe que ela tinha idade suficiente sem identificar sua idade. Lutero nos ajuda nesse ponto. Talvez ele tivesse consciência de que uma criança de 12 ou 13 anos era incapaz de dar seu consentimento. Na Índia colonial, quando casamentos de crianças eram comuns, pressupunha-se que, no caso de se tratar de uma virgem, o consentimento deve ficar com seus guardiões. Se se tratasse de uma viúva e se se cogitasse outro casamento, a capacidade de consentimento estava vinculada a “não ser mais virgem”⁷⁶. O texto é perturbador na medida em que nunca se busca o consentimento ou a opinião de Diná na sequência de sua violação. Seja virgem ou não, o consentimento fica com os guardiões de sua sexualidade – seu pai e seus irmãos, e o consentimento deles não foi buscado antes que Siquém reivindicasse a sexualidade de Diná, tornando-a “um bem usado” e desonrando a família.

Outra questão é a **vulnerabilidade das mulheres à violação**. Lutero está bem consciente dos perigos com que se defrontam as mulheres. Em vez de questionar ou contestar os sistemas e estruturas que tornam as mulheres vulneráveis à violação, Lutero coloca o ônus/a responsabilidade de estar em segurança unicamente sobre a mulher. Essa menina pode ter saído para entregar um recado ou explorar vizinhança ou ter tentado visitar as mulheres da região. O que há de errado nisso? Segundo minha experiência, quando uma família se muda para outro lugar, as mulheres saem em busca de informações essenciais. É possível citar um sem número de exemplos da Índia

verbo comumente usado para denotar contato sexual) e “ele a violou/profanou” – (‘*inah* – podia conotar força física ou profanação moral; JB – “violentou e, assim, profanou”; KJV – “humilhou-a”).

⁷⁵ RAJAN, Rajeshwari Sunder. *Real and Imagined Woman: Gender, Culture and Postcolonialism*. London; New York: Routledge, 1999. p. 67.

⁷⁶ CHAKRAVATI, Uma. *Gendering Caste: Through a Feminist Lens*. Calcutta: Stree, 2013. p. 124.

em que meninas desapareceram simplesmente quando iam a um mercado no bairro para comprar leite ou tinham saído de casa para se aliviar. Quer nuas ou completamente vestidas, quer de dia ou de noite, quer acompanhadas ou não, as mulheres estão sujeitas e expostas a serem violadas quando tenham sido visadas pelo olhar masculino. Até uma mulher que se comporte de modo sexualmente apropriado pode se tornar ocasião de desonra ao provocar o desejo volátil de homens que não são seus esposos. Não há o que possa parar o homem determinado a atacar a vítima, seja dentro de casa ou fora dela, o que nos faz perguntar se existe algo assim como um “lugar seguro” para as mulheres.

O texto é um exemplo da preocupação androcêntrica com o poder de atração da sexualidade feminina⁷⁷ a não ser que esteja totalmente confinada “dentro” de casa (esfera doméstica), posição que é defendida por muitas culturas tradicionais. A interpretação de Lutero reforça isso quando ele a acusa do pecado da curiosidade (não estou certa de quando isso se tornou um pecado), que a levou para fora da esfera doméstica. Essa leitura também reforça as tentativas patriarcais de confinar as mulheres à esfera doméstica enfatizando o exterior como lugar perigoso para elas.

O estupro também viola relações, e assim Lutero sublinha o fato de que o estupro quase sempre é seguido de derramamento de sangue, porque viola relações entre homens e mulheres. Violou as relações entre as duas comunidades – os siquemitas e a família de Jacó; provavelmente afetou as relações entre a casa de Hamor e o povo de Siquém, e as relações dentro da casa de Jacó. Lutero sustenta que não se trata somente de uma violação contra a mulher, mas também contra seu pai.⁷⁸ A interpretação de Lutero poderia ser compreendida como um endosso da noção cultural do antigo Israel e da Índia de que o pai era quem controlava a sexualidade de uma filha não casada. Ele tem simpatia com Jacó como pai ou com Jacó como proprietário e controlador da sexualidade da filha? Os dois elementos se fundem e aumentam a ambiguidade da leitura de Lutero.

A violação sexual e o status social da vítima é outra questão. Talvez ainda mais perturbador seja o fato de Lutero considerar Diná uma menina de classe alta cujo estupro é muito mais grave do que o de uma filha de camponês.⁷⁹ Essa sugestão de uma hierarquia, embora característica da época, baseia-se em ideais que promoviam os interesses das classes dominantes. Lutero sustenta o *status* ou nascimento nobre como um fator natural na compreensão de noções de castidade e diferenças reais e imaginárias, o que, por seu turno, moldaria a natureza da punição ordenada. Esse tipo de raciocínio também é empregado na Índia castista, onde se fazem diferenças entre mulheres de classes mais altas e mulheres de classes baixas. A mulher de casta alta era vista como mulher que lutaria para salvar sua honra, mas uma mulher de casta baixa

⁷⁷ Talvez uma parte de seu braço estivesse exposta ou seu pé ou seu rosto que chamaram a atenção de Siquém.

⁷⁸ Como se mencionou anteriormente, três vezes neste texto o narrador observa que Siquém violou a filha de Jacó – versículos 5, 13 e 27. Por isso ela não foi somente uma vítima de abuso sexual, mas também sua reputação e a honra de sua família sofreram um dano significativo e irreparável.

⁷⁹ “Pois é uma ofensa bem mais séria violar a filha de um rei do que a filha de um camponês” (*Luther's Works*, v. 6, p. 202).

não tinha caráter ou pretensões de pureza, era de fácil acesso, uma mulher de virtude fácil. O estupro desta última não é considerado crime tão grave quanto o estupro de uma mulher de casta dominante. Um homem que violenta uma mulher de casta alta merece uma punição mais severa. A gravidade da ofensa se mede, pois, pelo *status* social da mulher que é violentada. Essa posição de Lutero precisa ser contestada. O estupro de uma mulher, independentemente de idade, religião, raça, casta ou classe, é equivalente em termos de iniquidade.

Na ausência do óbvio apoio emocional e pastoral, Diná é obrigada a lidar com uma “**autoridade masculina que falhou**”⁸⁰. Ela tem de escutar sua voz interior, que é a característica distintiva da emergente percepção de identidade e de agência e controle das mulheres. A *redenção de Diná como uma sobrevivente* por parte de Lutero, como alguém que foi integrado na família como responsável pelo lar, representa uma ajuda, pois incentiva a família a não rejeitar a vítima violentada, o que acontece frequentemente na Índia. O fato de Diná ter rejeitado, em sua imaginação, a morte como opção e ter escolhido viver sob qualquer circunstância é evidência de coragem, porque o *status* dela como mulher estuprada ou violentada jamais é esquecido e a vida aos olhares da opinião pública pode ser muito traumatizante. Literalizar a violação permite-nos contabilizar o custo do estupro para suas vítimas em vez de extinguir a identidade feminina na morte ou no silêncio porque optaram por viver. Diná torna-se sujeito através do estupro, e não meramente uma mulher sujeitada à sua violação. Sua opção por viver expressa a noção de que, embora sua castidade tenha sido violada, sua feminilidade ainda está íntata, e eu imaginaria que isso lhe proporciona o ímpeto de lutar pela vida – sua própria vida.

Questões suscitadas ao ver o texto como uma narrativa pós-violação

Lutero lê Gênesis 34 como relativo às provações de Jacó causadas pelo estupro de Diná. Não obstante, ele também trata de mais do que as provações de Jacó. Trata de estupro, as consequências do estupro, sua violência, relações entre comunidades étnicas diferentes e a aquisição e anexação israelita da terra. A inserção do estupro na estrutura narrativa determina não só o foco, mas também a maneira como a narrativa termina. Ao colocá-lo no início e despi-lo de detalhes e lógica narrativa, intensifica-se a ambiguidade (o versículo 2 descreve o ato – “e, tomando-a, a possuiu e assim a humilhou”). Não se dão maiores detalhes.⁸¹ O posicionamento do estupro diminui sua importância, sendo-lhe concedida uma finalidade puramente funcional na economia narrativa como um ato de violência. Diná é esquecida, e o interesse da narrativa

⁸⁰ A sociedade ensina as mulheres a depositarem sua confiança nos homens como defensores, provedores de necessidades econômicas, intérpretes da vontade pública e vínculos com a comunidade mais ampla (BELENKY, 1986, p. 57-58).

⁸¹ Caroline Blythe escreve citando STERNBERG, Meir. *Biblical Poetics and Sexual Politics: From Reading to Counterreading*, *JBL*, v. 111, p. 480, 1992: “Diná é uma catalisadora dessa narrativa, não um sujeito de consciência; como um objeto, outros agem sobre ela e são as ações *deles* que guiam a sequência de acontecimentos que se desdobra” (BLYTHE, 2008, p. 3-4).

no estupro/violação é substituído por aquilo que segue. O versículo, sem qualquer representação gráfica, transmite de modo rápido e eficaz o fato do estupro/violação e a premissa na qual se baseia o restante da narrativa. É importante reconhecer que a própria estrutura desse texto é em parte o resultado de um mundo social ou simbólico, que o texto pressupõe, e daí a brevidade e o estilo alusivo da cena que pressupõe o conhecimento do contexto e pano de fundo por parte do leitor e da leitora. Esse posicionamento e a brevidade de detalhes nos permitem ver esse texto não como centrado no estupro/violação, mas como texto pós-violação.

Talvez a questão mais importante suscitada seja o assunto *mulheres e terra*. Na Índia castista, a distribuição desigual da terra originou conflito e criou graves problemas de lei e ordem em muitas partes do país. A divisão da sociedade rural segundo castas piorou o caso dos dalits. A matança frequente de dalits e o estupro de mulheres dalits em muitos bolsões da Índia rural ocorrem, muitas vezes, se não primordialmente, no contexto da luta pela terra. Mulheres dalits são estupradas como uma das múltiplas maneiras de ostentar poder, envergonhar homens dalits e coagi-los a entregar sua terra. Há muito que depõe em favor das conexões entre mulheres, estupro e terra.

Lendo esse capítulo da perspectiva das pessoas colonizadas, Musa Dube justificadamente nos lembra que, se o livro do Gênesis foi editado para um público do exílio, o que temos aqui nesse texto não é a rejeição da opressão imperial como pecaminosa, mas, antes, uma emulação do imperialismo. Trata-se de uma história que expõe as aspirações coloniais dos israelitas – que continua no resto do Pentateuco. Deus os tornará uma grande nação, lhes dará a terra ocupada e fará deles uma bênção para o mundo. Como parte desse sonho colonizador, o “outro” tem de ser construído negativamente e por isso a narrativa se concentra no pecado dos siquemitas, oferecendo a justificativa para a invasão e a conquista da terra deles pelos israelitas. Como mulher na “zona de contato”, Diná se torna vítima desses sonhos colonizadores.⁸² É a terra que lhes interessa e, por conseguinte, estão dispostos a sacrificar o futuro e a vida de sua irmã, que é um brinquedo nesse empreendimento. Lutero não o vê necessariamente dessa maneira, mas encontra uma forma de justificar a aquisição da terra e sua retenção por parte de Jacó. O estupro de Diná, uma interação ilícita, justifica a colonização da terra por parte de Jacó. O estupro e a violação sexual de mulheres são tanto causa como efeito de lutas masculinas pelo poder sobre a terra e da colonização!

Outras questões

Ao se basear em narrativas mestras para compreender acontecimentos históricos e atuais, Lutero ignora o significado do processo político e da função ideológica da narrativa para manter controle e conformidade social, especialmente de mulheres. A preocupação de Lutero com o *pecado* não pode deixar de ser percebida. Infelizmente, até mesmo hoje grande parte da teologia protestante, como sugere Wesley Ariarajah,

⁸² DUBE, Musa. Dinah (Genesis 34) at the Contact Zone: Shall Our Sister Become a Whore? In: CLASSENS, Juliana; SHARP, Carolyn (ed.). *Feminist Frameworks and the Bible: Power Ambiguity and Intersectionality*. London: Bloomsbury T & T Clark, 2017.

“começa com a história da ‘queda’ e trata todo o relato bíblico a partir da perspectiva do pecado e da desobediência”⁸³. O relato da criação não é mais do que o palco em que inicia o drama do pecado e da salvação. Ariarajah sugere que, se chegássemos a levar a sério a reafirmação bíblica do “amor e providência de Deus, então as implicações para o perdão, a reafirmação e a reconciliação são enormes”⁸⁴. A leitura de Lutero reforça a ênfase no pecado e malfeito e condiciona toda a sua interpretação. Quando a curiosidade se tornou um pecado? O anseio por amizade constitui um pecado? O que há de errado em querer se encontrar com as filhas da terra? Não existe pecado na falta de reação de Jacó à situação da filha? Em seu privilegiamento de Jacó, tudo que ele parece conseguir ver é o pecado de todos os outros. A passividade e ausência de reação de Jacó são astutamente explicadas como uma forma de “esperar pelo conselho do Senhor”. Os irmãos tampouco parecem consolar Diná de alguma maneira. Determinados a se vingar, ela é completamente ignorada. “Aos olhos deles, ela era menos uma vítima de um crime violento do que uma peça indevidamente apropriada de sua propriedade e uma mulher maculada e profanada por uma relação sexual ilícita.”⁸⁵ Isso não é um pecado?

Hoje, as vítimas de estupro são acusadas de estarem no lugar errado na hora errada; de vestirem roupas impróprias; de olharem para um homem; de resistirem à agressão verbal e física; e a lista continua. Isso são pecados? Precisa-se aqui de uma passagem do pecado pessoal para o pecado estrutural – o pecado do patriarcado, que permite que o homem trate as mulheres como objetos que podem ser violados sem punição.

O *silêncio de Deus* nesse episódio perturba Lutero, mas então ele supera seu desconforto afirmando que Deus causa o estupro para testar Jacó. Ai, isso dói! Essa explicação é inaceitável. Onde está Deus nesse texto? Essa é uma questão válida. Wilfred tem razão em apontar para o fato de que “Deus muitas vezes vem a nós como *perguntas* inquietantes. A experiência mostra que Deus frequentemente silencia quando estamos buscando soluções. Deus fala quando ficamos em silêncio e permitimos ser desafiadas e ensinadas por realidades que nos cercam”⁸⁶.

Deus não está ausente ou silencioso na narrativa de Diná. Deus fala por meio das questões perturbadoras e inquietantes que o texto está levantando. “A presença de Deus está associada com a inquietação quanto à situação prevalente.”⁸⁷ Deus continua a silenciar enquanto não nos debatermos com essas questões inquietantes. Nas respostas e percepções obtidas, revela-se o divino. A percepção de Lutero não pode ser acurada, porque vai contra nossas construções de Deus como Deus amoroso, bondoso e justo.

O que devemos fazer com o *silêncio de Diná*? As histórias das mulheres sobre estupro, assédio sexual e violência doméstica geralmente são silenciadas, distorcidas e desacreditadas, inclusive as que fazem parte das Escrituras Hebraicas. A quem Diná se voltou para buscar ajuda? A qualidade de vítima normalmente “dá à mulher sujeita acesso a uma percepção de identidade generificada com base em uma

⁸³ ARIARAJAH, Wesley. Reading the Bible in a Pluralistic Context. *Ecumenical Review*, v. 51, p. 8, 1º jan. 1999.

⁸⁴ ARIARAJAH, 1999, p. 8.

⁸⁵ BLYTHE, 2008, p. 127.

⁸⁶ WILFRED, Felix. *Margins*: Site of Asian Theology. Delhi: ISPCK, 2008. p. xii.

⁸⁷ WILFRED, 2008, p. xii.

opressão compartilhada”⁸⁸. A ausência dessa resistência organizada cria constrição, e, no contexto de constrição, acontece a improvisação. Contudo, é importante não ser desencaminhada pelo aparecimento da constrição a um pressuposto equivocado de passividade e desamparo. O silêncio de Diná é inquietante, para dizer o mínimo. Talvez ela tenha recuado emocionalmente a fim de processar sua experiência e avaliar o resultado e o efeito que sua violação teria em sua vida. A revelação do estupro requer coragem e bravura, pois muitas vezes também acarreta culpa para a mulher – acusada de ser cúmplice, conivente e patológica, que é o que aconteceu com ela. As mulheres, muitas vezes, são silenciadas por esse ou/ou, essa dúplice dicotomia da revelação que sublinha um *script* cultural que culpa a vítima, limitando os tipos de histórias que as mulheres podem contar sobre si mesmas. O fato de Lutero apresentá-la como inocente não constitui ajuda, porque ele não dá voz a ela e privilegia o homem e sua angústia em contraposição à da mulher. O silêncio de Diná não pode e não deveria ser esquecido ou ignorado. O que se faz necessário é que o signifiquemos e lhe demos voz povoando o silêncio com vozes de mulheres que sobreviveram ao estupro e daquelas que não sobreviveram. As múltiplas formas com que grupos e redes estão reagindo aos casos crescentes de violação sexual são justamente isso, o que deveria ser observado e celebrado como resistência.

Conclusão

O desejo de viver de Diná talvez a salve, mas ela acaba desaparecendo das páginas da história. Ela precisa ser recuperada como um sujeito da violação e como uma sobrevivente da vergonha. A resistência de grupos oprimidos, incluindo mulheres, acontece em vários níveis de reação, indo da luta coletiva não violenta à insurgência armada, como em diversos movimentos secessionistas. As subjetividades de mulheres, como vítimas da violência e agentes da resistência, são constituídas por meio da negociação dessas situações. Diná resistiu, e isso aparece na reação de Siquém no versículo 3. A história dela nos oferece a oportunidade de enfrentar ideologias e agendas da cultura patriarcal e da violência que a sustenta. A leitura de Gênesis 34 por parte de Lutero oferece percepções úteis, mas também confina a mulher à esfera doméstica e suscita várias questões que são pertinentes até mesmo hoje na Índia. Quando as mulheres transcendem e cruzam a esfera privada e levam suas preocupações à esfera pública, geram novos discursos políticos, impactando com isso os detentores do poder, gerando vida, mudança e transformação. Portanto é importante que salientemos essas histórias e as leiamos para denunciar a ideologia nelas presente que oprime as mulheres, e que detectemos nelas a resistência necessária para contrapor-nos à violência.

Referências

ARIARAJAH, Wesley. Reading the Bible in a Pluralistic Context. *Ecumenical Review*, v. 51, p. 8, 1º jan. 1999.

⁸⁸ RAJAN, 1999, p. 71.

- BAR, Shaul. *A Nation is Born: The Jacob Story*. Eugene, OR: Wipf and Stock, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex*. Trad. e ed. H. M. Parshley. New York: Alfred Knopf, 1978.
- BLYTHE, Carolyn. *Terrible Silence, Eternal Silence: A Consideration of Dinah's Voicelessness in the Text and Interpretive Traditions of Genesis 34*. Tese (Doutorado) – Universidade de Edimburgo, 2008. Disponível em: <<http://www.era.lib.ed.ac.uk/handle/1842/2593>>.
- BRETT, Mark. *Genesis: Procreation and the Politics of Identity*. London: Routledge, 2000.
- CAMP, Claudia V. *Wise, Strange and Holy: The Strange Woman and the Making of the Bible*. Sheffield: Academic Press, 2000. (JSOT Supp Series, 320).
- CHAKRAVATI, Uma. *Gendering Caste: Through a Feminist Lens*. Calcutta: Stree, 2013.
- DUBE, Musa. Dinah (Genesis 34) at the Contact Zone: Shall Our Sister Become a Whore? In: CLASSENS, Juliana; SHARP, Carolyn (ed.). *Feminist Frameworks and the Bible: Power Ambiguity and Intersectionality*. London: Bloomsbury T & T Clark, 2017.
- FEWELL, Dana; GUNN, David. Tipping the Balance: Steinberg's Reader and the Rape of Dinah. *JBL*, v. 110, p. 193-211, 1991.
- GROSSMANN, Maria. *Humanism in Wittenberg 1485-1517*. Nieuwkoop: B. De Graff, 1975.
- JOHNSON, Roger (ed.). *Psychohistory and History: The Case of Young Man Luther*. Philadelphia: Fortress, 1977.
- KARANT-NUNN, Susan C.; WIESNER-HANKS, Merry E. (ed). *Luther on Women: A Sourcebook*. Cambridge: Cambridge University, 2003.
- LUTHER, Martin. *Luther's Works*. Ed. Jaroslav Pelikan, Helmut T. Lehmann. St Louis, Missouri: Concordia, 1958. v. 1: Lectures on Genesis Chapters 1-5.
- LUTHER, Martin. *Luther's Works*. Ed. Jaroslav Pelikan, Helmut T. Lehmann. St Louis, Missouri: Concordia, 1970. v. 6: Lectures on Genesis Chapters 31-37.
- LUTHER, Martin. *Luther's Works*. Ed. Jaroslav Pelikan, Helmut T. Lehmann. St Louis, Missouri: Concordia, 1955. v. 12: Selected Psalms I.
- LUTHER, Martin. *Luther's Works*. Ed. Jaroslav Pelikan, Helmut T. Lehmann. Minneapolis: Fortress, 1958. v. 40: Church and Ministry II.
- MATTOX, Mickey Leland. "Defender of the Most Holy Matriarchs": Martin Luther's Interpretation of the Women of Genesis in the "Enarrationes in Genesis" 1535-1545. Leiden: Brill, 2003. Apud KOLB, Robert. *Luther and the Stories of God: Biblical Narratives as a Foundation for Christian Living*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2012.
- MELANCHTHON, Monica. Translating the Extravagance of Violence. *Dialog: A Journal of Theology*, v. 52, n. 2, p. 85-87, 2013.
- RAJAN, Rajeshwari Sunder. *Real and Imagined Woman: Gender, Culture and Postcolonialism*. London; New York: Routledge, 1999.
- RUEHTER, Rosemary Radford. Misogynism and the Virginal Feminism of the Fathers of the Church. In: _____. *Religion and Sexism: Images of Woman in the Jewish and Christian Traditions*. New York: Simon and Schuster, 1974.
- SCHOLZ, Suzanne. *Sacred Witness: Rape in the Hebrew Bible*. Minneapolis: Fortress, 2010.
- SCHROEDER, Joy A. The Rape of Dinah: Luther's Interpretation of a Biblical Narrative. *Sixteenth Century Journal*, v. XXVIII, n. 3, p. 776-777, 1997.
- TELTUMBDE, Anand. Delhi Gang Rape Case: Some Uncomfortable Questions. Publicado em 7 de fevereiro de 2013. Disponível em: <http://roundtableindia.co.in/index.php?view=category&id=118:thought&option=com_content&Itemid=65&fontstyle=f-smaller&font-size=larger&limitstart=14>.
- WILFRED, Felix. *Margins: Site of Asian Theology*. Delhi: ISPCK, 2008.
- ZAKOVITCH, Yair. Assimilation in Biblical Narratives. In: TIGAY, Jeffrey H. (ed.). *Empirical Models for Biblical Criticism*. Philadelphia: University of Philadelphia, 1985.
- ZOPHY, Jonathan W. We Must Have the Dear Ladies: Martin Luther and Women. In: SESSIONS, Kyle C.; BEBB, Phillip N. (ed.). *Pietas et Societas: New Trends in Reformation Social History*. Kirksville, MO: Sixteenth Century Journal Publications, 1985.